



## **Eleições 2022: uma análise comparativa das campanhas de três candidatas de esquerda à Câmara dos Deputados pelo Distrito Federal**

### **Elections 2022: A Comparative Analysis of the Campaigns of Three Left-wing Candidates for the Chamber of Deputies in the Federal District of Brazil**

Gerciena Barbosa<sup>27</sup>

**Resumo:** O objetivo geral deste artigo é analisar as estratégias eleitorais de algumas candidaturas à Câmara dos Deputados pelo Distrito Federal nas eleições de 2022, de modo a identificar desigualdades políticas e temas abordados por cada campanha, por meio de postagens na rede social Instagram. O recorte do presente trabalho está sobre a análise de três candidatas de esquerda: Erika Kokay (PT-DF, eleita), Dani Sanchez (PSOL-DF, não eleita) e Ana Prestes (PCdoB-DF, não eleita). Os objetivos específicos do trabalho são: analisar as temáticas exploradas por cada candidatura; observar como as diversidades de gênero, de raça e de classe entre as candidaturas influenciavam suas abordagens de cada temática; e entender se a violência política de gênero afetou as campanhas. A metodologia utilizada foi a coleta de dados por meio do Instagram, com foco em análises qualitativas de postagens das candidatas e do engajamento de eleitores. Os principais resultados foram: as três candidaturas abordaram a temática da desigualdade social, embora de maneiras diversas. Sanchez explorou o tema da desigualdade racial com intersecção de classe; Prestes explorou o tema da desigualdade de gênero com intersecção de classe; e Kokay explorou quase que exclusivamente o tema da desigualdade de classe, embora tenha sido a única a denunciar violência política de gênero.

---

<sup>27</sup> Graduanda em Ciências Sociais, bacharelado em Sociologia, pela Universidade de Brasília (UnB) - gerciena@protonmail.com.



**Palavras-chave:** Eleições 2022; estratégias eleitorais; desigualdades políticas; candidaturas femininas; violência política de gênero.

**Abstract:** The main objective of this article is to analyze the electoral strategies of some candidates for the Chamber of Deputies representing the Federal District of Brazil during the 2022 elections, to identify political inequalities and themes addressed by each campaign, through content on the social media platform Instagram. This study focuses on three left-wing candidates: Erika Kokay (PT-DF, elected), Dani Sanchez (PSOL-DF, not elected) and Ana Prestes (PCdoB-DF, not elected). The specific objectives are: to analyze the themes explored by each candidate; to observe how gender, race, and class diversity among the candidates influenced their approach to each theme; and to understand whether gender-based political violence impacted their campaigns. The methodology used involved data collection through Instagram, focusing on qualitative analyses of candidates' posts and voter engagement. The main results were as follows: the three candidates addressed the issue of social inequality, albeit in different ways. Sanchez explored the theme of racial inequality with a class intersection; Prestes focused on gender inequality with a class intersection; and Kokay addressed almost exclusively the theme of class inequality, although she was the only one to report experiencing gender-based political violence.

**Keywords:** Elections 2022; electoral strategies; political inequalities; female candidates; gender-based political violence.



## 1. Introdução

Este artigo tem o objetivo geral de analisar comparativamente candidaturas à Câmara dos Deputados pelo Distrito Federal (nas eleições de 2022) e suas estratégias eleitorais na rede social Instagram, de modo a entender os padrões de comunicação com o público, identificar desigualdades políticas e traçar temáticas exploradas por cada campanha. As candidaturas aqui analisadas são três: Erika Kokay (PT-DF, eleita), Dani Sanchez (PSOL-DF, não eleita) e Ana Prestes (PCdoB-DF, não eleita). Deve-se notar que este trabalho é fruto de uma pesquisa de iniciação científica ocorrida entre maio de 2022 e maio de 2023, orientada por Danusa Marques (doutora em Ciência Política e professora da Universidade de Brasília - UnB), e vinculada a uma pesquisa maior no âmbito do Núcleo de Pesquisa Flora Tristán: representações, conflitos e direitos – Instituto de Ciência Política/UnB. Este artigo traz a análise sobre candidaturas do DF que estão no campo da esquerda, como forma de apresentar apenas um recorte da análise de candidaturas à Câmara dos Deputados em 2022, pois a pesquisa também cobriu candidaturas de centro e de direita em outras frentes.

Historicamente, as mulheres têm sido associadas à esfera privada, circunscritas ao lar e submetidas às obrigações domésticas e de cuidado. Por causa disso, foram excluídas da esfera pública, onde são tomadas as decisões socioeconômicas e de participação ativa na política (Pateman, 2008). Essa exclusão ainda reverbera na contemporânea democracia liberal, sobretudo em sua crise atual, na qual grupos ultraconservadores buscam dominar os rumos da política e impedir mulheres e outros grupos marginalizados (tais como pessoas negras, indígenas e LGBTI+) de atingirem a igualdade de direitos.

Por meio da violência política de gênero, grupos privilegiados tentam manter as mulheres e demais minorias sexuais em estado de subalternidade no terreno da esfera pública (Biroli; Marques, 2022). Por meio de ataques os mais diversos, os grupos hegemônicos reagem negativamente à crescente diversidade política nos parlamentos e em outras instituições de poder. A violência política de gênero, então, se constitui como um fenômeno cuja análise pode trazer maiores compreensões sobre a maneira como grupos extremistas continuam perpetuando estereótipos e contribuindo para a discriminação de mulheres e de outros grupos subalternizados (Bandeira, 2014). Desse modo, um dos objetivos da nossa pesquisa foi observar possíveis comportamentos enquadrados como violência política de gênero em relação às candidaturas estudadas, buscando entender se tais comportamentos perpassaram suas campanhas e se influenciaram suas abordagens.



Apesar dos avanços em termos de direitos para mulheres, pessoas negras e comunidade LGBTI+, a democracia liberal ainda perpetua disparidades e continua dificultando a inclusão política desses grupos. Mulheres, quando adentram os espaços de poder – especialmente o campo da política partidária – são recebidas com hostilidade dentro de um ambiente que permanece tentando enquadrá-las em categorias aceitáveis de comportamento (Miguel; Biroli, 2011). Comumente, mulheres políticas são restringidas a temas considerados “femininos” – a exemplo daqueles relacionados ao campo do trabalho de cuidado, como educação – e “menos importantes”, enquanto os homens políticos centralizam suas ações em temas considerados socialmente como mais “universais”, por causa da ordem de gênero ainda existente nos espaços políticos (Pearse; Connell, 2016). Nesse sentido, um dos objetivos da nossa pesquisa foi observar as temáticas exploradas pelas candidaturas em suas estratégias de campanha, a fim de entender quais eram as abordagens mais enfatizadas e como elas manejavam determinados temas, especialmente em relação a outros tipos de desigualdade, para além da questão de gênero exclusivamente.

Embora o sufrágio feminino tenha sido conquistado há cerca de 90 anos, as mulheres ainda enfrentam desafios para alcançar uma participação política efetiva e igualitária no Brasil (Vieira; Coelho, 2022). Sua sub-representação política é um reflexo tanto da resistência dentro dos meios partidários em cumprir com a cota de 30% para mulheres – frequentemente justificada pela alegação preconceituosa de falta de mulheres capacitadas –, quanto da própria violência política de gênero, que atravessa a vida das mulheres políticas tanto em seus mandatos quanto em suas campanhas eleitorais. O pequeno aumento nas candidaturas femininas demonstra a necessidade ainda presente de haver um ambiente político-eleitoral mais convidativo às mulheres.

Campanhas eleitorais no ambiente das redes sociais têm suscitado debates em torno de desinformação, com uso de notícias falsas por parte tanto de candidaturas quanto de eleitores (Castro et al., 2022). Durante a nossa pesquisa, também buscamos identificar possíveis usos de fake news por parte das candidaturas no Instagram, de modo a entender se as principais estratégias de comunicação online das candidatas se alinhavam em alguma medida a discursos de pós-verdade e, caso isso tenha ocorrido, de que maneira esses comportamentos influenciaram (ou não) o seu público eleitor e as abordagens políticas das próprias candidatas.

Para entendermos como desigualdade de gênero, desigualdade racial e desigualdade social eram tratadas pelas candidaturas, levamos em consideração a análise interseccional sobre os fenômenos (Crenshaw, 1989). Mulheres que se localizam em diversos segmentos sociais



frequentemente observam os problemas da sociedade de forma menos universalizada e dicotômica. As candidaturas estudadas em nossa pesquisa eram não apenas plurais em termos de espectro ideológico, mas também em termos de raça, classe e sexualidade. Um dos nossos objetivos, analisando suas campanhas, era perceber se a diversidade de identidades presente entre as candidatas influenciava, de alguma maneira, as suas posições políticas e a sua forma de abordar cada tema.

## **2. Metodologia**

Para os fins desta pesquisa, utilizamos análise qualitativa a partir da coleta de dados na rede social Instagram. Durante a análise, observamos as publicações nos perfis das candidaturas durante sete semanas de campanha eleitoral: 14/08/2022 a 25/09/2022; e durante o período de pós-campanha: 02/10/2022 a 30/10/2022. Preferimos focar em publicações contendo imagens e vídeos curtos (cards, carrossel, reels e outros), e não analisamos lives ou outros vídeos mais extensos que as candidaturas eventualmente compartilhassem, por considerarmos que estes últimos formatos eram mais utilizados com a finalidade de interagir com o eleitorado de forma casual e espontânea, enquanto os primeiros possuíam uma maior capacidade de síntese, que eram essenciais para o engajamento rápido e massivo do público eleitor. Imagens e vídeos curtos também eram amplamente utilizados para veicular mensagens chave das campanhas e consolidar suas propostas em uma linguagem acessível e de fácil compartilhamento.

Na análise do perfil das candidaturas no Instagram, buscamos entender como o seu público reagia às publicações, além de buscar interpretar as mensagens que as próprias candidaturas queriam transmitir. Elaboramos um formulário eletrônico contendo perguntas tais como “a candidatura denunciou ter sido alvo de violência política?”, “a candidatura comentou sobre desigualdade de gênero?”, “a candidatura comentou sobre desigualdade racial?”, “a candidatura comentou sobre outros tipos de desigualdade?”, ou até mesmo “você identificou fake news nas publicações da candidatura?”, entre outras. A cada semana, a nossa equipe preenchia esse formulário, observando as publicações nos perfis de cada candidatura e, principalmente, os comentários de apoiadores e não apoiadores em cada publicação. Além das perguntas relacionadas à postura da candidatura, no formulário também havia um campo em que descrevíamos os comentários mais pertinentes e o teor das reações mais repetidas pelo público. Nosso objetivo era entender quais eram os temas mais explorados pela campanha e como esses temas eram recebidos pelo eleitorado.



Como indicado, o presente trabalho é fruto de uma pesquisa que faz parte de um esforço coletivo realizado em equipe, com núcleos em outras instituições pelo Brasil. Cobrimos candidaturas diversas em termos de ideologias políticas: desde a esquerda à direita, com concorrência a cargos tanto a nível estadual/distrital, quanto a nível federal, no âmbito do legislativo. Todavia, considerando a organização de trabalho realizada coletivamente, o foco deste artigo é a análise de três candidaturas para a Câmara dos Deputados, pelo Distrito Federal, todas mulheres e do campo da esquerda.

Os dados observados para a análise comparativa das candidaturas neste trabalho serão os que foram coletados por meio do formulário eletrônico elaborado por nossa equipe. Especial atenção se dará para a exposição dos nossos achados em torno das campanhas, considerando o perfil de cada candidata em relação a suas identidades e experiência política. Desse modo, primeiramente, neste artigo haverá um apanhado geral sobre as características de cada campanha e suas escolhas de pautas na rede social Instagram, enfatizando as temáticas destacadas por cada candidata em conjunto com a reação de seu público (apoiador ou não). Posteriormente, haverá a análise comparativa propriamente dita, sempre observando os desafios e enfoques de cada candidatura.

### **3. Resultados**

Nossa equipe analisou candidaturas diversas em termos de espectro político. Neste trabalho, o foco está sobre as seguintes candidaturas do campo da esquerda: Ana Prestes (PCdoB-DF), socióloga, mulher branca e de classe média, sem ocupação prévia de cargos eletivos, pertencente a uma família política renomada no campo da esquerda socialista brasileira (família Prestes); Dani Sanchez (PSOL-DF), assistente social, mulher negra, lésbica e periférica, sem ocupação prévia de cargos eletivos; e Erika Kokay (PT-DF), bancária, mulher branca e de classe média, deputada distrital por dois mandatos (2003-07, 2007-10), deputada federal por três mandatos (2010-14, 2015-18, 2019-22), concorrendo à reeleição como deputada federal em 2022.

#### **3.1 Ana Prestes (PCdoB)**

A candidatura de Ana Prestes não manifestou ataques violentos a adversários políticos, nem mesmo denunciou ter sido alvo de algum tipo de violência política de gênero, de acordo com o observado durante a coleta dos dados. Também não foi identificada utilização de fake news em sua campanha. O tema mais explorado por Prestes no Instagram foi desigualdade



social e a maioria de suas publicações abordou diversas manifestações relacionadas à desigualdade social, juntamente com uma crítica à conjuntura econômica e política do Distrito Federal e do Brasil.

As suas críticas tinham como alvos principais as gestões de figuras como Ibaneis Rocha (MDB), governador do Distrito Federal, e Jair Bolsonaro (PL), presidente da República à época. Os subtemas como fome, desemprego, cotas sociais, problemas de mobilidade urbana e saúde perpassam quase todas as suas publicações ao longo da campanha. Esses temas engajaram muito o seu público no Instagram, que reagia com comentários ecoando as críticas de Ana Prestes aos adversários. Além disso, o público frequentemente comentava positivamente sobre as alianças de Ana Prestes com candidatos(as) a outros cargos no campo da esquerda, como Leandro Grass (PV), Rosilene Corrêa (PT) e o então candidato à presidência da República, Luiz Inácio Lula da Silva (PT). A temática de acesso à cultura e ao lazer também foi bastante abordado, principalmente quando a candidata compartilhava fotografias de eventos dos quais participava, como feiras culturais e eventos artísticos, momentos nos quais Ana Prestes se aproximava do seu eleitorado e criava confiança entre as pessoas.

Outro tema de destaque para a candidatura foi a desigualdade de gênero, mas suas publicações exclusivas sobre esse tema foram muito pontuais: um compartilhamento de vídeo em que Manuela D'Ávila (PCdoB) demonstra apoio à Ana Prestes, além de falar sobre como esta enfrenta cotidianamente a violência política de gênero; uma publicação com denúncia sobre os elevados índices de violência doméstica no Distrito Federal; uma publicação comentando a importância da Lei Maria da Penha; por último, uma publicação mencionando uma exposição sobre o voto feminino no Brasil.

Entretanto, cabe ressaltar que, apesar de essa temática não ter sido tão abordada em publicações específicas, o tema da desigualdade de gênero perpassou suas publicações de outras maneiras ao longo da campanha, como quando tratou sobre a defesa das crianças e da necessidade de creches para melhorar o conforto de mães e de pais, ou quando comentou sobre o atentado à Cristina Kirchner, mencionando que havia um cunho de violência política de gênero nesse ato. A abordagem de Prestes demonstrou um esforço de observar a violência de gênero como um problema que precisa ser enfrentado por meio de políticas públicas específicas, como sugerem estudos sobre o assunto (Cavalcanti; Oliveira, 2017; Farah, 2004).

Outros temas, de menor destaque, mas que foram explorados pela candidatura, foram: desigualdade racial, colonialismo, cotas para pessoas de baixa renda e ações afirmativas para



peças negras e indígenas, preconceito e discriminação contra pessoas LGBTI+ e contra pessoas com deficiência, defesa do meio ambiente e sustentabilidade, entre outros.

### **3.2 Dani Sanchez (PSOL)**

A candidatura de Dani Sanchez (PSOL) também se destacou pela ausência de ataques violentos a adversários e pela falta de relatos sobre violência política de gênero durante a campanha. Além disso, também não foi identificada utilização de fake news em suas postagens no Instagram. Os temas mais explorados por sua campanha na rede social foram desigualdade racial e desigualdade social. Tais temas foram tão presentes e intercambiáveis nas publicações de Sanchez que é perceptível que a candidata buscou analisar a conjuntura social sempre partindo de uma perspectiva interseccional de raça e classe. Questões como desemprego, violências racistas e fundamentalistas religiosas, democracia e falta de representatividade em instituições, insegurança alimentar, concentração de terras, guerra às drogas, combate à discriminação e ao preconceito contra pessoas LGBTI+, cotas sociais e raciais, entre outros, foram os subtemas mais mencionados por sua campanha.

Suas críticas a adversários, assim como as de Ana Prestes, também se direcionaram principalmente para Ibaneis Rocha (MDB) e Jair Bolsonaro (PL), mas, ao contrário do foco de classe presente na campanha de Prestes, Dani Sanchez abordou as temáticas com a interseccionalidade de classe e raça, majoritariamente. Ao trazer críticas a essas figuras, Sanchez levantava assuntos relacionados ao descaso com os grupos sociais mais vulnerabilizados, a falta ou o corte de verbas nas áreas de saúde, educação, cultura e outros.

Ao longo das publicações, Dani Sanchez sempre mencionava sua identidade como mulher preta, periférica, lésbica e candomblecista. Esses marcadores foram enfatizados também para tratar da importância em eleger pessoas desses segmentos sociais, de modo a aumentar a representatividade e, dessa maneira, combater as diversas formas pelas quais essas pessoas são oprimidas e discriminadas. Sua religiosidade foi mencionada diversas vezes, contando com publicações mais descontraídas sobre sua vida pessoal atrelada ao candomblé. E sua identidade como pessoa negra não era separada da sua identidade como mulher, demonstrando como a candidata também levou em consideração a abordagem interseccional de raça e gênero para se comunicar com o público.

O tema da desigualdade de gênero foi pouco abordado pela campanha de Dani Sanchez no Instagram, levando em consideração que o foco mais mobilizado para as postagens foi de raça e de classe. Entretanto, sempre que o tema de gênero aparecia em suas publicações, havia



um entrelaçamento com raça e classe – ou seja: gênero quase nunca aparecia de maneira isolada. Por exemplo: quando tratava da questão da fome, Sanchez trazia argumentos sobre como as pessoas mais afetadas nesse assunto são mulheres; ou quando denunciava a baixa representatividade de mulheres negras no Congresso Nacional, Sanchez trazia estatísticas que corroboravam que os candidatos mais eleitos são homens brancos. Sua abordagem, para além de levantar a questão interseccional, deixava em evidência a sua preocupação acerca da exclusão sistemática sofrida por mulheres negras em posições de poder político. A abordagem de Sanchez, portanto, foi ao encontro de estudos que observam que essa sub-representação das mulheres negras é uma marca histórica fruto da colonialidade (Souza; Moura, 2022).

Como alianças políticas da campanha de Dani Sanchez, destacaram-se Fábio Félix (PSOL), então candidato a deputado distrital, que foi reeleito; Keka Bagno (PSOL), então candidata a governadora; Max Maciel (PSOL), então candidato a deputado distrital, que logrou êxito na eleição; e Luiz Inácio Lula da Silva (PT), então candidato à presidência da República, que também venceu o pleito.

### **3.3 Erika Kokay (PT)**

A candidatura de Erika Kokay não se distanciou das abordagens de suas colegas em termos de fake news, mas foi a única a denunciar ataques de violência política de gênero. Kokay foi ofendida, em conjunto com outras deputadas de esquerda, por parte do deputado Prof. Alcides (PL-GO), que as chamou de “loucas” por se colocarem contra Jair Bolsonaro (PL) – o fato aconteceu no dia 19 de outubro de 2022, durante uma votação para inversão de pauta para apreciar um projeto de lei que tinha como objetivo tornar hediondo o crime de pedofilia (Fraga, 2022).

A campanha de Erika Kokay não se restringiu a temas afeitos ao Distrito Federal, mas teve como uma de suas características mais marcantes um discurso nacionalizado, com foco em questões mais amplas. Os temas mais explorados giravam em torno da desigualdade econômica, com ênfase na atual conjuntura da política brasileira e tendo como alvo principal o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL). As suas críticas perpassavam tanto a avaliação da gestão de Bolsonaro como também as próprias falas e comportamentos do mesmo. Diversas vezes, a candidata criticava posturas consideradas “violentas”, “agressivas”, falas consideradas insensíveis e grosseiras, entre outras, por parte de Bolsonaro e de seus filhos. Além disso, Kokay também criticava os planos econômicos do ex-ministro do Ministério da Economia, Paulo Guedes e,



ocasionalmente, questionava o governo de Ibaneis Rocha (MDB), por considerar que este promovia um descaso com a população do Distrito Federal ao não implementar políticas sociais.

Os subtemas mais trabalhados por Erika Kokay, então, eram mais relacionados à desigualdade social, tais como: fome, desemprego, falta de assistência social e de políticas públicas, democracia, precariedade do sistema de saúde, enfim. Ademais, ao longo de sua campanha, Kokay diversas vezes expressou apoio a greves e a outras manifestações de segmentos profissionais, como rodoviários(as), enfermeiras(os), agricultores(as) sem-terra, entre outros. Tais posturas mostram que a candidata tinha como eixo central de mobilização e engajamento o critério de classe, com uma atuação forte em frentes consideradas muito tradicionais dentro de seu partido. Ainda que tratasse de outros temas, Erika Kokay frequentemente buscou fazer uma aproximação com o discurso de classe em suas postagens no Instagram. Entretanto, vale ressaltar que, ao tratar do tema da violência política de gênero, conforme acima mencionado, Kokay teve uma postura ancorada no entendimento da desigualdade de gênero como um problema estruturante da sociedade, diferentemente de outras candidatas, que o tratavam de maneira superficial (Masciano, 2024).

A seção de comentários nas publicações de Erika Kokay era bastante utilizada por seus seguidores e até mesmo por pessoas adversárias e contrárias à sua atuação como política, diferentemente do que acontecia com as demais candidaturas. Seus seguidores e eleitores faziam coro às suas críticas, especialmente em se tratando da gestão de Jair Bolsonaro; os adversários pululavam os comentários com críticas negativas à candidata e ao seu partido, principalmente responsabilizando os anteriores governos de Lula pelos recorrentes problemas do Brasil.

Temas como desigualdade racial e desigualdade de gênero pouco apareceram na campanha de Erika Kokay. Suas publicações sobre tais temas eram muito pontuais e, caso mencionasse sobre algum deles, a candidata quase sempre tentava relacioná-los com as questões de classe. Ainda assim, Kokay tratou sobre misoginia, discriminação racial, direitos da comunidade LGBTI+, meio ambiente e sustentabilidade, defesa das crianças e combate ao abuso e exploração sexual infantil, apoio às populações indígenas etc.

O discurso nacionalizado da candidata também era evidente em seu apoio ferrenho à candidatura de Lula para presidente, de seu partido. Durante toda a sua campanha, além de trazer críticas a Bolsonaro, Erika Kokay também explorou a necessidade do voto em Lula e frequentemente mencionava projetos do então presidencial para o Brasil. A sua agenda de campanha também era organizada de modo a fazer apoio constante a Lula, com passeatas,



caminhadas e eventos diversos que tinham como objetivo mobilizar os eleitores para o voto no petista.

#### **4. A comparação entre as três campanhas**

As campanhas de Ana Prestes, Dani Sanchez e Erika Kokay compartilharam semelhanças importantes, como a ausência observável de utilização de fake news e ataques violentos contra adversários. Entretanto, Kokay destacou-se como a única candidata a denunciar explicitamente ter sido alvo de violência política de gênero, evidenciando um cenário ainda desafiador enfrentado por mulheres na política. Esse diferencial não apenas revelou a coragem da candidata em expor o problema, mas também mostrou como a violência política de gênero pode impactar diretamente o discurso de uma campanha.

Ana Prestes concentrou-se fortemente em temas relacionados à desigualdade social, com uma abordagem que conectava subtemas como fome, desemprego e acesso à cultura. Sua crítica principal focava nas gestões de Ibaneis Rocha e Jair Bolsonaro, enquanto seu engajamento com o público era reforçado por alianças políticas e uma postura de proximidade com o eleitorado em eventos culturais dos quais participava. Em contraste, Dani Sanchez, embora também abordasse desigualdade social, deu um destaque marcante à interseccionalidade, especialmente em relação aos marcadores de raça e classe, promovendo um discurso que enfatizava a representatividade, a diversidade e a luta contra a exclusão sistemática de grupos marginalizados.

A abordagem interseccional de Sanchez foi uma característica notável que a diferenciou das outras candidatas. Enquanto Prestes mencionava desigualdade de gênero e raça de forma pontual, Sanchez teceu essas questões ao longo de sua narrativa de campanha. Sua identidade como mulher preta, periférica, lésbica e candomblecista foi central para sua campanha, e ela utilizava essas características para engajar seu público e destacar a importância da maior representatividade política, uma estratégia relevante de mobilização que já foi identificada em campanhas de outras candidaturas (Bonoto; Nascimento, 2022). Por outro lado, Erika Kokay, embora mencionasse desigualdade racial e de gênero, focou predominantemente no discurso de classe, alinhado às tradições do Partido dos Trabalhadores (PT), o que lhe deu um tom mais nacionalizado e crítico à gestão de Jair Bolsonaro.

A campanha de Kokay destacou-se pela amplitude de temas abordados, com um discurso voltado para a conjuntura política brasileira. Suas críticas também englobavam outros problemas estruturais, como a precariedade dos sistemas de saúde e assistência social. Em



contraste, Ana Prestes apresentou uma abordagem mais local, voltada às demandas do Distrito Federal, enquanto Dani Sanchez manteve uma postura de interseccionalidade que conectava diferentes formas de opressão a partir de uma perspectiva local.

Outra diferença significativa foi o uso das redes sociais para mobilizar o público. Ana Prestes e Dani Sanchez utilizaram o Instagram para criar uma conexão mais pessoal com os eleitores. Enquanto Prestes engajava seu público com críticas à conjuntura local e alianças políticas estratégicas, Sanchez enfatizava sua identidade e trajetória pessoal para mobilizar pessoas de segmentos historicamente marginalizados. Kokay, por sua vez, teve uma interação mais polarizada em sua seção de comentários, atraindo tanto apoiadores quanto adversários, o que revela como seu discurso combativo provocou reações tanto positivas quanto negativas na rede social.

As campanhas das três candidatas refletem abordagens distintas para tratar de desigualdades sociais e políticas. Ana Prestes apostou em uma crítica ampla à gestão local e em um discurso que combinava classe e gênero de forma equilibrada. Dani Sanchez trouxe a interseccionalidade para o centro da narrativa, enfatizando a necessidade de representatividade e justiça social. Erika Kokay, por outro lado, uniu críticas ao governo Bolsonaro com uma defesa ferrenha do voto em Lula, criando uma campanha mais alinhada às demandas e prioridades nacionais.

Ademais, é importante observar como a diferença de experiência política entre as três candidaturas marcou a competitividade de cada campanha. A de Erika Kokay, em razão de a candidata ter carreira eleitoral mais longa (desde que se elegeu deputada distrital, em 2002), ter concorrido à reeleição e, conseqüentemente, ter experiência política prévia, mostrou ter muita habilidade para entregar na rede social conteúdos que engajavam mais, com uma estratégia de comunicação sobre os assuntos que deveriam ser comentados e em momentos bem organizados; além disso, seu profissionalismo político foi evidente na abordagem nacionalizada de sua campanha, tratando de temas mais gerais e afeitos a uma agenda de compromisso federal. Em contrapartida, as campanhas de Dani Sanchez e de Ana Prestes mostraram menor grau de profissionalização, tiveram dificuldades de mobilizar o público nas redes sociais e ficaram bastante circunscritas a uma agenda política regionalizada.

Frequentemente, há um baixo ou nulo investimento nas campanhas de mulheres políticas, o que as impede de alcançar êxito quando não têm qualquer experiência política anterior, demonstrando a falta de igualdade de gênero ainda presente dentro dos próprios partidos (Reis; Martins, 2022). Haja vista que as campanhas de ambas, Dani Sanchez e Ana



Prestes, não tiveram o mesmo fôlego e a mesma capacidade de mobilização eleitoral que a de Erika Kokay, talvez isso seja evidência de uma necessidade de haver uma maior democracia em âmbito intrapartidário.

## 5. Conclusão

Pela maneira como estas três candidaturas de esquerda acompanhadas neste trabalho conduziram suas campanhas, pudemos observar que o tema mais explorado e com mais engajamento foi a desigualdade social, com a ênfase em uma abordagem de classe. Erika Kokay se sobressaiu como candidata cujo foco de classe deu maior tom à sua campanha, todavia, tanto Ana Prestes quanto Dani Sanchez também tiveram um viés de classe muito proeminente em suas postagens.

Observamos que Erika Kokay explorou um discurso muito aproximado dos ideais de seu partido, com foco em lutas de segmentos de trabalhadores precarizados. Sua campanha teve caráter mais nacional e menos regional, demonstrando que talvez as necessidades de seu partido se sobrepujaram às de sua campanha individualizada. Entretanto, ainda que sua campanha própria tenha, de certa forma, cedido espaço para a campanha pelo partido e em favor, especificamente, de Lula, a sua popularidade como política já estava muito mais consolidada em comparação com a das demais candidatas aqui analisadas.

Dani Sanchez teve uma campanha mais direcionada para a desigualdade racial. No entanto, frequentemente a candidata fazia intersecção de raça com gênero ou de raça com classe, sendo que quase nunca usava gênero e classe de forma isolada. Por ser uma mulher preta, lésbica, periférica e candomblecista, Sanchez apresentou suas identidades como suporte para sua campanha e para maior confiança de seu público. Com frequência, buscava relacionar sua trajetória pessoal e suas identidades com as pautas políticas e sociais que levantava. Ademais, a candidata também trabalhou muito os temas de diversidade e inclusão – independentemente do segmento social –, argumentando que a democracia precisa desses pilares para ser verdadeiramente plural.

Por fim, Ana Prestes explorou o tema de desigualdade social, mas também tratou de desigualdade de gênero. Ao longo de sua campanha, esses dois eixos foram enfatizados várias vezes, ainda que de forma isolada. Por estar em um partido de tradição operária e por ser neta de Maria e Luiz Carlos Prestes, a atuação política de Ana Prestes se fiou mais em questões direcionadas para desigualdades sociais, mas a candidata trouxe suas análises particulares sobre o lugar da mulher na sociedade, sexismo, os avanços femininos na política e em outras



instituições, violência doméstica, e afins. Frequentemente, quando tratava de temas relacionados à desigualdade de gênero, Prestes se atinha à uma abordagem particularizada sobre gênero, pouco considerando aspectos de raça e de classe, como quando falava das conquistas feministas e seu foco se concentrava em demandas universalistas, tais como equiparação salarial, participação nas instituições políticas e econômicas etc.

Portanto, observamos que as três candidaturas, a seu modo, abordaram principalmente a temática da desigualdade social. Uma considerou majoritariamente a questão racial (Dani Sanchez), outra abordou tanto classe quanto a questão de gênero (Ana Prestes) e outra abordou quase unicamente a própria questão de classe (Erika Kokay) dentro do tema amplo da desigualdade social. Entretanto, apesar de diferentes abordagens e formas de se comunicar com o público eleitor, todas elas tiveram como eixo central a desigualdade social para suas campanhas.

Este trabalho não pretende ser exaustivo, mas sim servir como um ponto de partida para reflexões sobre as diferentes abordagens das candidaturas, especialmente no contexto das desigualdades sociais. Embora tenha focado apenas em três candidaturas de esquerda no Distrito Federal, os resultados aqui encontrados podem ser aplicáveis a outras candidaturas em diferentes contextos e espectros político-ideológicos. A análise aqui apresentada abre espaço para investigações futuras que considerem outras perspectivas, promovendo uma reflexão mais ampla sobre as dinâmicas eleitorais e as questões estruturais que moldam as campanhas políticas.



## Referências

BANDEIRA, L. M. **Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação.** Sociedade E Estado, 29(2), 449–469, 2014. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922014000200008>.

BIROLI, F; MARQUES, D. **Mulheres e política: violência contra mulheres e de gênero na política.** In: PERISSINOTTO, R; BOTELHO, J C A, et al. Política comparada: Teoria e Método. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2022.

BONOTO, C.; NASCIMENTO, F. **Interseccionalidade e política no Instagram: os discursos de candidatas lésbicas, bissexuais e trans nas eleições municipais de 2020.** Revista Fronteiras – estudos midiáticos, vol. 24, n. 1, janeiro/abril 2022. Unisinos – doi: 10.4013/fem.2022.241.07

CASTRO, R. et al. **Comunicação política, fake news e redes sociais: uma revisão sistemática da literatura.** Postdata, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, v. 27, n. 1, p. 48-63, 2022.

CAVALCANTI, E. C. T; OLIVEIRA, R. C. **Políticas públicas de combate à violência de gênero: a rede de enfrentamento à violência contra as mulheres.** Revista de Pesquisa Interdisciplinar, Cajazeiras, v. 2, n. 2, 192-206, jun/dez. de 2017.

CRENSHAW, K. **Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics.** University of Chicago Legal Forum: Vol. 1989: Iss. 1, Article 8. Available at: <http://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8>.

FARAH, M. F. S. **Gênero e políticas públicas.** Revista Estudos Feministas, 12(1), 47–71, 2004. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2004000100004>.

FRAGA, C. **Bolsonaristas barram votação de penas duras para pedofilia.** Extraclasse, Porto Alegre, 20 out. 2022. Disponível em: <https://www.extraclasse.org.br/politica/2022/10/bolsonaristas-barram-votacao-de-penas-duras-para-pedofilia/>. Acesso em: 21 de maio de 2023.

MASCIANO, L. F. **Eleições de 2022 e o tema da violência contra a mulher: uma análise das candidatas do DF à Câmara dos Deputados.** O Eco da Graduação, v. 9, n.1, edição 17, 2024.

MIGUEL, L. F; BIROLI, F. **Mulheres, carreira e campo político.** In: Caleidoscópio Convexo: mulheres, política e mídia. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

PATEMAN, C. O contrato sexual. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008.

PEARSE, R; CONNELL, R. **Gender Norms and the Economy: Insights from Social Research, Feminist Economics.** 2016, 22:1, 30-53, DOI: 10.1080/13545701.2015.1078485



REIS, F. A.; MARTINS, G. R.. **Violência política de gênero sob uma análise institucional: violações que impedem a efetivação das políticas públicas em relação ao exercício dos direitos políticos femininos.** Revista Vianna Sapiens, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 31, 2022. DOI: 10.31994/rvs.v13i2.906.

SOUZA, J. S.; MOURA, L. T. **Crítica à sub-representação de mulheres negras no legislativo federal: colonialidade, silêncio e incômodo.** Revista Direito E Práxis, 13(3), 1917–1950, 2022. <https://doi.org/10.1590/2179-8966/2022/68946>.

VIEIRA, D. N. S. L.; COELHO, S. R. S. **Sub-Representação das Candidaturas Femininas: análise sobre os avanços na legislação para promover a ampliação das candidaturas femininas e a redução da violência política de gênero na democracia representativa.** Estudos Eleitorais, Brasília, DF, v. 16, n. 2, p. 199-219, jul./dez. 2022.